

Pensar Diferente Na Mesma Caixa: uma reflexão sobre a prática pedagógica a partir da experiência de Aprendizagem Situada no projeto Together¹

Christiane Rocha e SILVA²
Lamounier Lucas PEREIRA JÚNIOR³
Centro Universitário Newton Paiva, MG.

Resumo

O trabalho analisa a interação entre universidade e sociedade, buscando a Aprendizagem Organizacional, a partir de uma experiência idealizada por professores de comunicação de uma Instituição de Ensino Superior (IES), com o projeto Together, em 2017. A pesquisa bibliográfica abarca os conceitos de Aprendizagem Organizacional, de Argyrys e Schön (1978), Comunidades de Prática, de Vygotsky (1978) e Aprendizagem Situada, de Lave e Wenger (1991). O estudo de caso foi feito a partir de um processo de observação e entrevistas com alunos, relatando uma metodologia alternativa de ensino, baseada na prática de imersão colaborativa. Considerou-se que o docente deve ter liberdade para *pensar fora da caixa*, mas que a burocracia e a falta de autonomia evidenciam um longo caminho a seguir na condução do processo criativo institucional.

Palavras-chave: práticas educativas; Aprendizagem Organizacional; Aprendizagem Situada; experiência colaborativa; Together.

Introdução

A proposta deste artigo é refletir sobre as práticas educacionais no atual contexto mercadológico, em que as IES desejam uma postura múltipla e hábil do professor em articular experiências inovadoras e mobilizar alunos, mas que pouco colaboram para esta experiência, com um ambiente burocrático, prazos excessivos e exíguos e falta de autonomia pedagógica. De forma específica, buscou-se analisar os processos de interação entre universidade e sociedade, visando a identificar seus potenciais que propiciam aprendizagem organizacional; e refletir sobre as Comunidades de Prática

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, no XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XLI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Marketing pela Fumec (Belo Horizonte). Professora Titular do Curso de Comunicação, trabalha no Centro Universitário Newton Paiva, em disciplinas de rádio, TV, Interfaces da Comunicação e Orientação de Projetos Experimentais. Sua trajetória universitária está centrada no estudo das interfaces entre Comunicação, Gestão e Tecnologia, envolvendo áreas como o Marketing, as TIC's (Tecnologias de Informação e Comunicação) e a Gestão de Relações Públicas. Linhas de Pesquisa: Análise de Dados, Gestão da Reputação, Estratégia e Tecnologias em Marketing. christianerocha@yahoo.com.br

³ Mestre em Artes pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais; Publicitário e Artista Plástico, Professor do Centro Universitário Newton nas disciplinas de Direção de Arte, Criação de Campanhas e Oficina de Criatividade e de Artes Plásticas na Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais. Sua trajetória profissional está voltada às pesquisas em Cibercultura e Ficção Seriada; serigrafia expandida, arte pública, intervenções artísticas urbanas, consumo de luxo x consumo popular, arte e gastronomia, promovendo interfaces entre suas áreas de formação: Publicidade, Artes Plásticas e Gastronomia. raoult@bol.com.br.

(CdP) e a Aprendizagem Situada. É comum assistir, em palestras de abertura de semestres letivos, a profissionais relatando metodologias inovadoras. Portanto, se o professor é estimulado a *pensar fora da caixa*, as práticas recentes também exigem um novo olhar procedimental das IES. A ideia é discutir sobre práticas pedagógicas inovadoras em contraponto com estruturas acadêmicas tradicionais, buscando responder ao problema: como aplicar metodologias alternativas, sob o olhar destas teorias, que possam facilitar a aprendizagem discente em uma IES com estrutura burocratizada?

O escopo metodológico é de abordagem qualitativa (DENZIN E LINCOLN, 2006), com análise documental, observação e entrevista. Na revisão bibliográfica, foram abordados conceitos sobre gestão educacional, práticas colaborativas e Aprendizagem Situada, entre outros. A análise documental foi feita com base nas Diretrizes Curriculares dos cursos de Comunicação (DCN, 2013), dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC, 2015) e dos planos de ensino e cronogramas das disciplinas.

Em um segundo momento, foi feito um estudo de caso (Yin, 2010) de duas experiências ocorridas fora do ambiente acadêmico com alunos de comunicação de uma IES privada, estimulando o *pensar fora da caixa*. Segundo Carvalho (1998), um sistema educacional que vise à inserção de alunos em um mercado com perfil inovador precisa de reformas estruturais, repensando métodos em função do novo paradigma de aprendizagem. Ainda que essa experiência gere oportunidades para a Aprendizagem Organizacional, há limitações metodológicas e institucionais que inibem as práticas de formação profissional e de gestão organizacional. A relevância deste trabalho para a educação e para a Comunicação é, portanto, refletir sobre as práticas docentes sob a perspectiva da Aprendizagem Situada e sobre a transferência de aprendizagem, nessa perspectiva permeada pela burocracia e falta de planejamento.

Uma breve contextualização sobre o ensino educacional brasileiro

As instituições de ensino privadas, antes de década de 1990, não eram vistas e conduzidas como negócios. Desde então, com o fenômeno da globalização e o consequente aumento da concorrência nos mercados mundiais, este setor tornou-se atrativo para o olhar investidor. Desde meados dos anos 90, segundo Facó (2006), o segmento tem crescido de maneira exponencial, com faturamentos que superam meio bilhão de dólares por ano. Entre 1997 e 2002, houve um dos maiores *booms* de expansão na abertura de IES privadas no Brasil: o número subiu 109%, com a abertura

de 753 estabelecimentos, na contramão das escolas públicas, cujas unidades foram reduzidas em 16%. O número de alunos no setor privado também dobrou neste período, de 1.186.433 para 2.428.258, mostrando o potencial mercadológico do setor.

Enquanto, por um lado, visualiza-se crescimento significativo na abertura de IES, por outro, tem crescido também, porém, de maneira heterogênea e desordenada, o número de *players*, assim como o número de fusões e aquisições de instituições (incluindo instituições internacionais e de segmentos distintos), de novas tecnologias (EAD), formatos de ensino (ex: universidades corporativas) e de entrega distintos (tecnólogos), envolvidos com o modelo.

Alia-se a este novo cenário o macroambiente político, por meio da intervenção do governo no setor, a partir da edição da Lei 9.870, sancionada em 23 de novembro de 1999, que veda a aplicação de sanções em caso de inadimplência escolar. Este foi considerado, segundo Facó (2006), um dos maiores golpes dos últimos anos para as IES privadas, que viram a diminuição e diluição de suas margens de lucros, sufocando, conseqüentemente, investimentos necessários ao seu funcionamento. Neste contexto, o maior desafio é a mudança do pensamento do educador, que se alterna entre a visão docente e mercadológica. Assim, torna-se urgente profissionalizar sua gestão administrativa, revendo os papéis de cada agente.

O papel da inovação no contexto educacional

Diante de um ambiente cada vez lucrativo e competitivo, as IES precisam compreender e absorver o processo de inovação, estimulando-o em suas práticas administrativas e pedagógicas. A preparação do indivíduo para o mercado de trabalho, visando à solução de problemas globais, passa pela aprendizagem inovativa (SAVIANI, 1989). As instituições precisam incorporar este conceito, estimulando a criatividade e o empreendedorismo. Conforme aponta Saviani (1989), existem quatro concepções de inovação no ambiente educacional: acidentais, com mudanças de caráter superficial; alterando os métodos e formas de educar; utilizando, conjuntamente ou de forma substitutiva, meios de comunicação não-tradicionais; ou utilizando a educação como parte de uma mudança estrutural social. Nos três primeiros exemplos, segundo o autor, compreende-se a inovação apenas como função do aparelho educacional, sem questionamentos ou interferências às finalidades desta educação.

O autor aponta quatro níveis de inovação possíveis no ensino tradicional. Um deles passa pela manutenção das finalidades do ensino, procedendo mudanças superficiais em seus métodos; promovendo mudanças metodológicas substanciais; mantendo as finalidades de ensino, incluindo formas para-institucionais ou não-institucionalizadas nas instituições e nos métodos; e promovendo mudanças nas finalidades da educação, buscando meios mais adequados para atingir novos objetivos.

Neste sentido, acredita-se que a questão passe pela geração de valor obtido a partir da construção de um pensamento colaborativo, na busca do conhecimento. Este modelo implica na participação e no envolvimento ativo dos integrantes de um grupo, diminuindo as barreiras entre os ambientes tradicionais e não-tradicionais de estudo. A educação aberta, formada por meio das redes formais e informais de aprendizagem social e colaborativa, constitui uma das mais profundas mudanças no pensamento para a educação no contexto da sociedade contemporânea, eminentemente digital. No caso educacional, a aprendizagem surge a partir das interações ocorridas cotidianamente, a partir de diferentes disciplinas e experiências, gerando novas ideias, produzindo novas expectativas e defazendo mitos.

Aprendizagem Organizacional – um conceito dinâmico

O campo de estudo da Aprendizagem Organizacional (AO) tem recebido maior atenção desde a década de 1990, a partir da proposição da construção compartilhada de conhecimento. Esta área é caracterizada pela heterogeneidade, bem como por conflitos e contradições de cunho teórico-epistemológico. As primeiras definições do termo remontam a meados dos anos 70, com Argyrys e Schön (1978), na fase denominada *Ciência de Ação*. Para Weick e Westley (2004), existe uma tensão positiva entre os significados de aprender e organizar. O primeiro está calcado na apreensão de conhecimento, o que aumenta o repertório, a variedade, criando um senso de desorganização. Por outro lado, organizar buscar diminuir o repertório intelectual, reduzindo esta variedade e levando ao esquecimento. Neste oxímoro, quando se inicia um processo de desorganização (leia-se *sair da caixa*), é que cria-se oportunidades para aprendizagem e um novo padrão de organização. Estas concepções são providenciais para contextualizar a AO em organizações como a universidade, que combina atributos como a tradição, rigidez, divisão disciplinar, burocratização e resistência a pressões sociais. Mas, por outro lado, exatamente por exercer esse oxímoro, consegue construir

um espaço de diversidade, experimentação, produção e articulação de conhecimentos, crítica e inovação (SCHOMMER, 2005). Segundo Weick e Westley (2004), a pressão para manter a ordem das coisas ou de institucionalizar procedimentos gera conflito.

Para o pesquisador bielo-russo Lev Semionovich Vygosty (1978), cujas ideias se baseiam no construtivismo, a aprendizagem significativa só se efetiva a partir da interação entre sujeito, objetos e outros objetos das relações sociais. Segundo ele, o homem se transforma considerando o meio social em que convive. A sua teoria preconiza a participação do aluno em uma comunidade situada, se expondo, desenvolvendo seu lado crítico e, conseqüentemente, a sua criatividade e autonomia.

Aprendizagem Situada e a Participação Periférica Legítima

Para promover a Aprendizagem Organizacional, Lave e Wenger (1991) defendem a integração às Comunidades de Prática (CdP). Segundo os autores, pertencer a estas comunidades significa não apenas realizar tarefas, mas vivenciar a experiência de pertencimento. Isto é central para a condição de aprendizagem, uma vez que as rotinas formais costumam ser ressignificadas nas comunidades. Para compreender a Aprendizagem Organizacional, é preciso conhecer estas comunidades, cuja aprendizagem é vista sob uma perspectiva social que remete à interação, troca de experiências e diálogo, a partir da prática cotidiana.

Tal prática é abordada por Lave e Wenger (1991) na teoria da Aprendizagem (ou Cognição) Situada. Estes estudos se iniciam a partir dos anos de 1980 no campo da Antropologia. Segundo os autores, esta teoria é compreendida como um processo contínuo obtido a partir das vivências compartilhadas nos meios sociais, que eles denominam como Participação Periférica Legítima (PPL); ou seja: as pessoas que integram tais comunidades vão interagindo de forma gradativa com pessoas mais experientes, migrando da *periferia* para o seu núcleo, até atingir a participação plena, criando, desta forma, identidade, de maneira contínua e cíclica.

Para Lave e Wenger (1991, p.36), a PPL significa “estar localizada no mundo social. Lugares e perspectivas em mudança fazem parte das trajetórias de aprendizagem dos atores, das identidades em desenvolvimento e formas de afiliação”. Para eles, trata-se de um engajamento social do indivíduo e sua participação ativa nas comunidades. Lave e Wenger (1991) argumentam que a aprendizagem situada é, normalmente, não-intencional. Ela ocorre quando os indivíduos se envolvem de maneira ativa nas

comunidades de prática. De acordo com os autores, a participação em tais comunidades se configura como o princípio de produção colaborativa, conforme propõe Daniels (2003). Acredita-se, portanto, que estes processos possam conduzir à promoção da inovação pedagógica nos cenários emergentes para a educação privada, levando o aluno a se tornar mais aberto para se expressar, assim como para trocar experiências e compartilhar conhecimentos, tornando a IES um espaço mais fluido. Esta aprendizagem situada pôde ser percebida em dois momentos no evento Together, criado com o objetivo de unir e compartilhar experiências entre professores e alunos, saindo do ambiente convencional de ensino. A seguir, ambas as experiências serão descritas, explicando a aplicabilidade das teorias mencionadas ao longo deste trabalho.

Together – uma experiência colaborativa

O projeto Together teve início a partir de conversas entre professores da instituição, acerca da importância de se criar um relacionamento efetivo com os alunos, sob as premissas da Aprendizagem Organizacional e Aprendizagem Situada, buscando uma educação compartilhada, realizada fora de sala de aula. Dessa forma, pensou-se no nome Together, palavra que, traduzida para a língua portuguesa, significa estar junto, trabalhar junto, ao mesmo tempo, de maneira compartilhada.

Também seria fácil criar uma identidade visual para o evento com este nome, composto por poucas letras, que tivesse impacto e fosse compacto o suficiente para transmitir a mensagem desejada. O evento já foi realizado em duas edições, a primeira em maio de 2017, em um bairro tradicional de Belo Horizonte e a segunda, entre os dias 1º e 3 de dezembro de 2017, no Espaço Los Hermanos, no Condomínio Fazenda Rio Verde, distrito da estrada de Esmeraldas. A ideia inicial era que o evento pudesse ser realizado em várias edições, com temáticas distintas.

O projeto partia do princípio de que era necessário criar um ambiente mais propício para a aprendizagem, em que o aluno pudesse *pensar fora da caixa*. Em meio a várias ideias, uma delas perpassava pela lógica de promover, na segunda edição, uma virada criativa. Os alunos trabalhariam seus projetos ao longo de uma noite, em um dos *campus* da instituição, como um Hackaton⁴. A instituição, porém, não aceitou a ideia, por receio quanto às questões relacionadas à limpeza e segurança do local. Desta forma, outros lugares na região passaram a ser pesquisados, mantendo a ideia da imersão e de

⁴ Evento do tipo maratona geralmente ligado à tecnologia e inovação, voltado à discussão de ideias.

PPL. Na segunda edição, também houve demora na liberação de verba (parcial) pela IES, que só foi repassada, em ambos os casos, apenas poucos dias antes dos eventos. Isto gerou muita ansiedade, uma vez que os locais tinham sido reservados, a comida, comprada e o transporte, pago. Cada aluno precisou pagar 25 reais para completar o orçamento. O deslocamento para o local também ficou por conta de cada participante.

A negociação com o atelier (1ª edição) e com o sítio (2ª edição) também foi feita pelos professores organizadores, cuja atribuição deveria ser apenas criativa, de condução aos alunos. A eles coube estabelecer: os horários de funcionamento dos locais, as regras para o empréstimo de material no atelier, a formulação de cardápio (nos dois casos), a contratação de cozinheiras, além das orientações sobre a restrição a bebidas alcólicas (conforme orientação da IES). A confecção das peças de divulgação dos eventos, a assessoria de imprensa, a cobertura fotográfica e de vídeo também foram conduzidas pelos professores e alunos. Também coube aos professores realizar visitas de reconhecimento dos locais e de preparação para planejamento dos eventos, assim como orientar o transporte dos equipamentos audiovisuais e coordenar a equipe técnica quanto o recebimento e devolução dos equipamentos.

Relato Together 1 – A Rave Experience

A primeira edição do evento Together foi intitulada A Rave Experience. A palavra rave⁵ remete a uma manifestação de cunho artístico-cultural, ocorrida, geralmente, em ambientes ao ar livre, fora das áreas urbanas, com maior tempo de duração e com convidados específicos, que ajudam a personalizar o evento. Esta ideia vinha ao encontro da proposição do evento, que buscava a participação dos alunos, elaborando seus trabalhos e interagindo com os demais presentes no local.

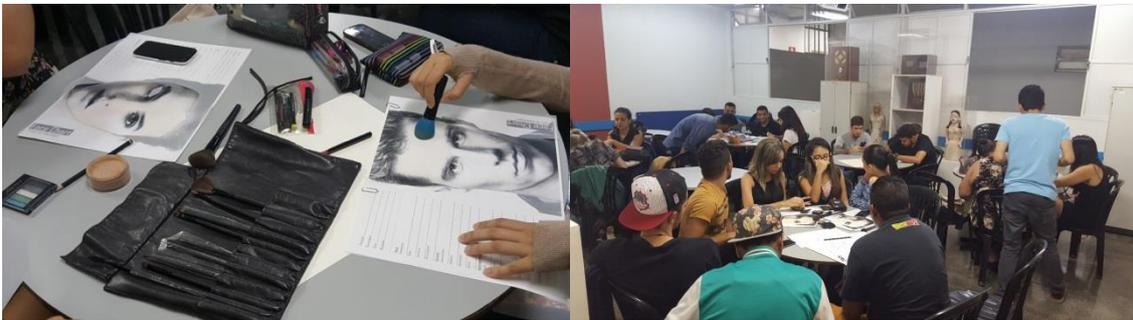
Por outro lado, a ideia, ao trazer a palavra Experiência para o contexto, se deu pelo fato de que ela remete a um conceito inovador, característico do mundo pós-moderno, denominado Marketing de Experiência. Este conceito passa pela mudança relativamente recente nas estratégias das empresas, na busca por uma comunicação mais efetiva no relacionamento com os seus públicos, gerando respostas de cunho mais emocional e memórias afetivas (SCHMITT, 2003). O intuito era comunicar-se de maneira imediata com o público discente, mostrando que o evento perpassava pela

⁵ Termo utilizado na década de 1960 em Londres para se referir a uma festa local, difundido nos anos 80 no Reino Unido, pelo movimento musical eletrônico *acid house* de Chicago, nos Estados Unidos.

criação de ações diferenciadas, melhorando a percepção discente acerca do curso e das oportunidades que continuariam a ser criadas no ambiente acadêmico.

Desta forma, pensou-se no nome Rave Experience, como uma experiência colaborativa realizada em um ambiente mais livre, idealizado por professores do curso de Comunicação de uma IES. A ideia era que os alunos das disciplinas de Direção de Arte, Fotografia Publicitária, Oficina de Criatividade e Redação Jornalística participassem de uma atividade imersiva, buscando promover, por meio de uma oficina, a troca de experiências e a Aprendizagem Situada, realizando um ensaio fotográfico, a partir de temáticas propostas na aula de Direção de Arte (FIGURA 1):

FIGURA 1 – Aula Direção de Arte – Preparação Together 1



Fonte: Elaborado pelos autores.

Esta edição foi realizada no dia 20 de maio de 2017, de 8h às 18h, no: Mordô – Coletivo Gourmet; e Atelier Martina Sepúlveda (casa construída em 1923 por imigrantes espanhóis), ambos no bairro Santa Tereza, conhecido histórica e culturalmente pela cena boêmia belorizontina. Os locais, situados à mesma rua, foram escolhidos estrategicamente, considerando sua arquitetura clássica/retrô, estruturas aconchegantes e personalizadas, em local de fácil acesso.

O bairro, permeado por restaurantes, praças e igrejas tradicionais, foi escolhido como cenário para os alunos desenvolverem as atividades de produção, cenografia, figurino e maquiagem, na construção de imagens para aplicação na fotografia e na produção audiovisual em TV, cinema e vídeo. Aos alunos de Redação Jornalística, coube a cobertura jornalística do evento, por meio de entrevistas com os participantes e do registro visual, inseridos nas redes sociais (Facebook, Email e *Whatsapp*) dos alunos, professores e convidados, gerando mídia espontânea.

A oficina colaborativa contou com a orientação de dois professores de publicidade e com a participação de uma professora da IES. Foram ainda convidados profissionais renomados na cena cultural e no setor audiovisual mineiros, para compartilhar suas experiências com os alunos, gerando PPL. Ao todo, estiveram presentes cerca de cem alunos, além de dez profissionais do setor, reunidos em um total de dez horas. A peça de divulgação (FIGURA 2) traz uma referência do ambiente e dos parceiros do evento. Para criar uma identidade visual e um ambiente de organização no evento, também foi criado um modelo de crachá, distribuído aos alunos durante o dia de trabalho, nas funções de cobertura jornalística, professores, orientadores, entre outros. Ainda foi confeccionado um modelo de empréstimo de material:

FIGURA 2: *Layout* da peça de divulgação do Together 1/ Crachá e modelo de empréstimo das peças do atelier.



Fonte: Elaborado pelos autores.

O modelo de empréstimo se referia aos materiais que os alunos tomaram emprestado do Atelier Marina Sepúlveda para fazerem as fotos de seus ensaios. O local funciona como ponto comercial, por meio da venda de bijuterias, chapéus, lenços, bolsas, quadros, entre outros produtos. Como propunha a dinâmica, os alunos ficavam no Mordô, desciam até o Atelier, selecionavam os materiais (ajudados pelos convidados) e os levavam à sede – ou ao lugar em que fariam as fotos – para finalizar o trabalho. Na abertura do evento, foi oferecido um *welcome coffee*, seguido de uma fala do professor idealizador e de uma breve apresentação dos professores e palestrantes convidados. Em seguida, foi feita a divisão dos alunos em grupos de trabalho, conforme já mencionado, assim como a divisão de perfis de personagens para cada grupo. A partir de então, iniciou-se a dinâmica de construção do trabalho com a orientação dos

profissionais, buscando soluções quanto a locação do ensaio fotográfico, iluminação, figurino e maquiagem. Ao final, foi feita a produção das fotos (FIGURA 3):

FIGURA 3: Produção dos alunos – Together 1.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Uma das alunas do curso de publicidade, Isabelle Carim, falou sobre a experiência no Together 1:

neste dia eu acordei muito cedo, muita coisa deu errado e me fez chegar atrasada, mas chegar lá e ter essa experiência não tem explicação. Eu só quero agradecer a você por acreditar em nós e mover tudo isso por nós. Eu só quero realmente agradecer; às vezes, ficamos um pouco desanimados com algumas matérias; mas hoje foi, com toda certeza, o melhor dia da faculdade, porque colocar a mão na massa e fazer o que vimos tanto em sala é maravilhoso!

Para outra aluna de Publicidade, Thamyres Souza, a iniciativa dos professores foi essencial para concretizar o projeto: “o orgulho maior é nosso, de ter professores como vcs, (..) a ponto de nos proporcionar essa experiência incrível! Queria essa experiência prática o ano todo!” Allan Hasbeck, também discente do curso de Publicidade, registrou a sua satisfação em participar do evento: “estou exausto mas não consigo dormir. Ainda tenho aquela energia; é como se eu quisesse viver aquilo pra sempre. Com certeza, um dos melhores dias da minha vida!”

Relato Together 2 – Crossing The Night

A partir do primeiro evento, manteve-se a ideia de realizar uma nova edição, levando os alunos para produzir, novamente, fora da sala de aula. Foram feitas pesquisas na busca de locais grandes, em Belo Horizonte ou na região, que tivessem estrutura para receber mais de cem pessoas, por um período maior de tempo. Após alguns orçamentos, chegou-se ao Espaço Los Hermanos, devido à estrutura do lugar,

também considerando o contato pregresso de um dos professores com os proprietários do local.

A partir desta ideia, surgiu o nome da segunda edição – Crossing The Night. O objetivo era promover uma virada criativa, em que os alunos passassem a noite trabalhando. O evento foi idealizado para ocorrer no segundo semestre de 2017, para finalizar trabalhos dos alunos, que pudessem concorrer na edição 2018 da Expocom Sudeste. Entre os dias 27 e 30 de novembro, após uma pré-seleção interna dos trabalhos que seriam inscritos para concorrer à Expocom pela instituição, foi realizada uma banca estilo Shark Tank⁶. A ideia que professores e técnicos (nominados como Tubarões) fizessem uma avaliação e mentoria aos alunos cujos trabalhos foram selecionados. Para divulgar o evento, alunos de jornalismo criaram uma conta no Instagram, com o nome Together Newton, integrando conteúdos (*stories*) no Instagram, com a *hashtag* #tônotogether (FIGURA 4). Até 5 de julho de 2018, havia 124 seguidores:

FIGURA 4: Logo Together – Crossing The Night



Fonte: Elaborado pelos autores.

Ainda foi feita uma camisa para os professores orientadores com a imagem de uma coruja, como representação do animal que passa as noites em vigília, simbolizando

⁶ Programa de TV norte-americano, em que pessoas empreendedoras apresentam suas ideias de negócio a potenciais investidores.

o que ocorreria no evento. O logotipo do evento, nas cores amarelo e preto, traz uma formiga (FIGURA 5), que simboliza trabalho e agilidade:

FIGURA 5: Logo Together – Crossing The Night



Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir da *hashtag* criada, outras *hashtags* foram inseridas por participantes, como #valeuapena e #together3iscoming. Ainda foi criada uma comunidade no Facebook - @togethernewton - no dia 2 de dezembro. Alunos de jornalismo fizeram enquetes pedindo que fosse nominado um animal que vivia no local (FIGURA 6):

FIGURA 6: Meme Together – Crossing The Night



Fonte: Elaborado pelos autores.

Oito professores estiveram no evento para orientar os alunos (FIGURA 7):

FIGURA 7: Professores e técnicos no Together 2.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Também estiveram no evento três técnicos de áudio e vídeo da instituição, que auxiliaram os alunos na diagramação, criação de artes e ilustrações, assim como na edição de vídeos e criação de vinhetas e roteiros (FIGURA 8):

FIGURA 8: Técnicos e alunos finalizando projetos de edição no Together 2.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Uma estrutura foi montada no local, com equipamentos da instituição. A montagem ficou a cargo da supervisão de audiovisual da instituição. A cobertura jornalística também foi feita pelos alunos de jornalismo com professores (FIGURA 9):

FIGURA 9: Professores e alunos na cobertura jornalística do Together 2.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Um dos alunos, Hudson Bonatto, registrou sua experiência neste evento: “quero agradecer à Newton e ao corpo docente pelo carinho e suporte dado até aqui. Estamos muito felizes com o resultado e nada aconteceria sem vocês!” O agora publicitário Ailton Cruz, que era aluno na época do evento, afirmou: “Simplesmente perfeito... Lindo dia”. Outra ex-aluna deste curso, Mônica Cavalcante, reforçou o sentimento do colega, ao dizer: “Foi muito bom. Muito obrigada, Lamounier. São professores como você que nos dão ânimo pra continuar estudando, acreditar na profissão. Sábado foi f...! E mesmo com todo o cansaço, pés doendo de tanto andar, eu estava feliz. Todos nós”.

Considerações Finais

Acredita-se que ambas as experiências ocorridas com o projeto de extensão Together evidenciaram a importância da mudança no processo de Aprendizagem Situada (Lave e Wenger, 1991), com uma PPL que envolva professores, alunos e instituição, como beneficiários das ações. Os resultados deste trabalho são palpáveis; a partir dos projetos desenvolvidos, houve aumento no número de produções aceitas na Expocom, bem como na qualidade dos trabalhos apresentados no semestre. Por outro lado, embora o resultado tenha sido positivo, destaca-se um contrasenso relacionado à dicotomia inovação *versus* burocracia.

O pensamento moderno impõe desafios ao professor, que transpassam a condução criativa. A ele, são atribuídos papéis burocráticos, ligados à: assessoria jurídica, formatação de projetos e redação/preenchimento de contratos, *releases*, relatórios e prestações de contas; falta de autonomia, por necessitar seguir projetos pedagógicos e as diretrizes curriculares nacionais (DCN's); e porque não dizer, opressão, considerando o exíguo cumprimento de prazos em lançamentos de notas e nas entregas de diários de classe. Isto dificulta a proposição de metodologias inovadoras.

O que se percebe, portanto, no mercado, incluindo o setor das IES, principalmente as privadas, é uma lógica de mercado dualista, que apregoa, por necessidade de inovação, o *pensar fora da caixa*, mas que, ao mesmo tempo, possui uma estrutura burocrata, que impede a autonomia e a liberdade pedagógica. Acredita-se que o termo aplicável seria *pensar diferente dentro da mesma caixa*, levando à Aprendizagem Organizacional (ARGYRIS E SCHON, 1978). As IES precisam absorver a inovação. Por isso, cabem à instituição, segundo Carvalho (1998), o gerenciamento macro e a incorporação desse conceito. Desta forma, reivindicar do corpo docente uma postura própria do meio empresarial e a adoção de metodologias alternativas como se o professor tivesse autonomia sobre essas práticas é, no mínimo, fantasioso e perverso.

REFERÊNCIAS

ARGYRIS, C.; SCHON, D. *Organizational learning: A theory of action perspective*. Reading, Mass: Addison Wesley. 1978.

CARVALHO, H. G. **Tecnologia, Inovação e Educação:** Chaves para a Competitividade. Revista Educação e Tecnologia. Curitiba: CEFET-PR. Volume 2, nº 3, agosto, 1998.

DANIELS, H. **Vygotsky e a pedagogia.** São Paulo: Loyola, 2003.

DCN. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Comunicação Social:** Jornalismo e Publicidade. Belo Horizonte: CUNP/Centro Universitário Newton, 2013.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **Introdução:** a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In:* DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa:** teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FACÓ, Marcos Henrique. A Essência do Marketing Educacional. *In:* COLOMBO, Sônia Simões (Org.) *et al.* **Marketing Educacional em Ação:** Estratégias e Ferramentas. Porto Alegre: Bookman, Artmed, 2008.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated learning: legitimate peripheral participation.** 11ª reimpressão. New York: Cambridge University Press, 1991.

MOURA, Guilherme Lima. **Somos uma comunidade de prática?** RAP (Revista de Administração Pública) – Rio de Janeiro 43 (2): 323-46, MAR./ABR. 2009.

PPC. **Projeto Pedagógico do Curso de Comunicação Social:** Jornalismo e Publicidade. Belo Horizonte: CUNP/Centro Universitário Newton, 2015.

SAVIANI, D. A. **Filosofia da Educação e o problema da Inovação em Educação.** *In:* GARCIA, W. E. Inovação Educacional no Brasil: problemas e perspectivas. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

SCHMITT, Bernd H. **The Customer Experience Management.** How Revolutionary Marketing Can Transform Your Company. Hoboken, NJ: John Wiley and Sons, 2003.

SCHOMMER, P.C. **Comunidades de prática e articulação de saberes na relação entre universidade e sociedade.** São Paulo: Fundação Getulio Vargas, 2005 (tese de doutorado). 314 pg.

VYGOTSKY, L. **Mind in society.** Cambridge: Harvard University Press, 1978.

WEICK, K.E.; WESTLEY, F. Aprendizagem organizacional: confirmando um oxímoro. *In:* CALDAS, M.; FACHIN, R.; FISCHER, T. (orgs. ed. brasileira). **Handbook de estudos organizacionais.** (CLEGG, S.R.; HARDY, C.; NORD, W.R. – orgs ed. original). São Paulo: Atlas, 2004.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.